



cultura & informação
A REVISTA DO SABIN

1º semestre de 2024 – ano 30 – nº 85



O tripé da excelência

Quando iniciou a sua história há 30 anos, o Colégio Albert Sabin trouxe ao mercado de ensino uma proposta diferenciada, concebida por seu fundador, Gisvaldo de Godoi: uma escola em que a excelência acadêmica andava a par e passo em qualidade com as atividades esportivas e culturais. Estas não eram entendidas simplesmente como disciplinas extracurriculares. Sempre fizeram parte de um mesmo projeto, visando oferecer uma formação integral aos alunos.

Ao longo dessas três décadas, o Colégio e o seu projeto pedagógico passaram por transformações, incorporando avanços e novas abordagens pedagógicas, de maneira a dar respostas aos desafios da realidade contemporânea, criando oportunidades para que os alunos do Sabin façam a diferença. O que não mudou, porque está inscrito em nosso DNA, são os alicerces sobre os quais assentamos o nosso edifício, o nosso tripé: a formação acadêmica, a cultural e a esportiva.

Essa é a nossa marca. O que possibilita o desenvolvimento de indivíduos mais ativos, engajados, resilientes, empáticos, com as habilidades socioemocionais tão necessárias no mundo de hoje. Não estamos formando somente alunos capazes de serem aprovados no vestibular, mas de terem uma vida acadêmica qualificada, assim como uma atuação profissional plena.

Nos pratos de uma hipotética balança, a formação acadêmica tem peso semelhante ao da formação esportiva e cultural por aqui. Há um equilíbrio entre essas três esferas e isso se traduz em nossa dinâmica pedagógica. Os professores das áreas esportiva e cultural participam, ao lado dos demais colegas das disciplinas curriculares, da gestão do aluno, identificando as suas fortalezas e dificuldades, propondo estratégias, a partir de uma abordagem holística.

Hoje, na prática educacional, é comum encontrar escolas que disponibilizam atividades esportivas e culturais recorrendo a terceirizados. Faz-se uma parceria com uma escola de

natação para oferecer a prática, por exemplo. Não é o modelo do Sabin. Os nossos professores de natação, de judô, de canto, de teatro, de todas as disciplinas que integram o Programa Sabin+Esportes&Cultura, estão inseridos no projeto pedagógico da escola, compartilham do nosso olhar sobre a educação. Isso faz toda diferença.

São profissionais aptos a desenvolver gradualmente as capacidades e habilidades motoras e criativas do aluno no início de sua jornada na escola. E depois, conforme ele avança, trabalham alavancando potenciais específicos, sempre de forma integrada e complementar à grade curricular. Porque, em quadra ou sobre o palco, é possível percorrer caminhos de aprendizagem que muitas vezes escapam ao roteiro da sala de aula tradicional.

Comunicar ideias com clareza, propor soluções criativas de problemas, desafios que fazem parte de muitos processos seletivos em instituições de ponta nos dias de hoje, são exercícios comuns, por exemplo, ao treino de ator. O esporte, como se sabe, desenvolve a capacidade de liderança, ensina a trabalhar de forma colaborativa e, sobretudo, ajuda a manter a saúde mental em dia – fundamental para jovens que enfrentam a pressão da escolha profissional e a transição para a vida adulta.

Ensinar é criar oportunidades, prega o nosso slogan. A excelência acadêmica, esportiva e cultural oferece um mundo de oportunidades aos nossos alunos.

Olhamos para o futuro com esperança e determinação, conscientes de que, ao mantermos nossos pilares de diálogo, valores humanistas e evolução conjunta, construiremos um legado duradouro para as futuras gerações. Nossos alunos são preparados não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para uma vida plena e significativa na sociedade. Essa é a essência do nosso compromisso com a excelência educacional.



Cristina Godoi
Mantenedora dos Colégios
Albert Sabin e AB Sabin



Revista do Sabin,
1º semestre 2024
Ano 30 – nº 85
Aluno da capa:
Vitor Poles,
do 8º ano do
Fundamental
– Anos Finais.

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

Colégio Albert Sabin
Av. Darcy Reis, 1901,
Prq. dos Príncipes, São Paulo, SP,
(11) 3712-0713
www.albertsabin.com.br

Escola AB Sabin
Av. Martin Luther King,
2266/2280, São Francisco,
São Paulo, SP, (11) 3716-5666
www.absabin.com.br

Mantenedores:
Gisvaldo de Godoi,
Neusa A. Marques de Godoi,
Cristina Godoi de Souza Lima

Direção pedagógica:
Giselle Magnossão (Albert Sabin),
Sílvia Adrião (AB Sabin)

Direção administrativa:
Fernando A. Mello

Marketing: Natália Giraldo
Colaboradores: Áurea Bazzi,
Denise Araújo, Dionéia Menin,
Giselle Magnossão, Sandra Lieven,
Paulo Rogério Vieira,
Sílvia Adrião, Suzy Vieira

Projeto e coordenação editorial:
Asterisco

Jornalista responsável:
Gerson Sintoni

Designer: Giovanna Angerami

Textos:
Gerson Sintoni,
Maria Carolina Maia

Fotografias: Jesse Matos,
Leidyla Nascimento

Revisão: Paulo Kaiser

1º semestre 2024.

- 4+5

Conversa Paralela
A educadora Flávia Vivaldi diz que é preciso cuidar da convivência em sala de aula
- 6+7+8

Educação Infantil
Os Campos de Experiência usam a curiosidade como uma ferramenta de aprendizagem
- 9+10

Fundamental – Anos Iniciais
Plataforma digital é o novo recurso para a formação de leitores
- 11+12

Fundamental – Anos Finais
Disciplina Projeto de Vida e Convivência estimula a autonomia e o senso coletivo
- 13+14

Ensino Médio
Currículo flexível proporciona mais repertório e segurança aos alunos da 3ª Série
- 15+16

Idiomas
Ações em diversas frentes aceleram as vivências com a língua inglesa
- 17+18

Esportes&Cultura
Atividades esportivas e culturais ativam a formação integral dos estudantes
- 19+20+21

A Gente Quer Saber
Alunos entrevistam a educadora e transformadora social Bel Meyer
- 22+23

Livre Expressão
Alunos refletem sobre a proibição do uso do celular na escola
- 24

Encantamento
Ex-aluna leva cuidados médicos à população carcerária feminina

“É preciso cuidar da convivência”

A educadora Flávia Vivaldi diz que escolas devem dar às relações sociais e ao ambiente em sala de aula a mesma atenção dispensada às suas ações pedagógicas



Flávia Vivaldi
especialista em relações
interpessoais e mediação de
conflitos

Professora Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral e do Instituto de Estudos Avançados (IdEA), da Unicamp, **Flávia Vivaldi** é especialista em relações interpessoais. Como consultora ajuda escolas a construir ambientes saudáveis e democráticos para seus alunos e a desenvolver estratégias para prevenir e mediar conflitos, os temas da entrevista a seguir.

Como diferenciar o que é conflito e o que é bullying?

O *bullying* é uma manifestação de violência, com características específicas que o diferenciam, por exemplo, de uma provocação. A pessoa que pratica *bullying* tem a intenção deliberada de ferir e escolhe um alvo frágil do ponto de vista psicológico, alguém que não consegue pedir ajuda, alertar que está sofrendo maus-tratos. Quando se descobre isso, as marcas do sofrimento em geral já são profundas. O *bullying* não é um episódio pontual. Há um processo de repetição. Precisa acontecer pelo menos três vezes na mesma semana e contra o mesmo alvo. E o *bullying* sempre se dá entre pares, o que é uma característica importante. É impossível, por exemplo, acontecer *bullying* entre professor e aluno, porque não há simetria de poder nessa relação. E a última característica necessária ao *bullying* são os espectadores. O autor do *bullying* necessita de plateia. Como se alimenta do sofrimento do outro, ele precisa ter o valor da violência reconhecido por uma plateia, que não é gigante, não. Apenas duas ou três pessoas. Na maioria das vezes, o autor de *bullying* não anda sozinho. Ele tem sempre a companhia dos coautores, da sua plateia cativa. Quando está sozinho, dificilmente incomoda o alvo.

Então, quando há uma denúncia de bullying...

A primeira coisa a conferir é se as características que citei estão presentes para poder identificar o fenômeno. Porque a intervenção no *bullying* é diferente da intervenção em uma provocação.

A provocação é um conflito comum nas escolas. É uma agressão, mas que se reveste de certo humor. É aquela piadinha sobre a fisionomia, sobre a forma de vestir, feita, às vezes, de um jeito sofisticado, que provoca até risada. Existem inúmeros outros conflitos de convivência que não se caracterizam como violência, mas que perturbam e desorganizam o ambiente social.

Você diria que o ambiente escolar anda mais suscetível a essas perturbações?

Sem dúvida. Tivemos um período de isolamento social mais extenso do que o esperado durante a pandemia. Isso gerou muito sofrimento emocional, gerou um adoecimento, principalmente para crianças e adolescentes, que têm uma necessidade de conviver entre pares muito maior do que os adultos. Quando esse público retornou à sala de aula, com a questão emocional aflorada e também com hábitos diferentes do que aqueles necessários a um ambiente normativo como o da escola, o potencial de conflito cresceu.

Você pode explicar melhor?

A escola é um lugar onde a diversidade se encontra. Então, são necessárias regras para que esse ambiente funcione de maneira organizada e com respeito. E aí temos um público que ficou muito tempo dentro do seu quarto, assistindo aula de pijama, com uma flexibilidade de horários grande. O retorno ao ambiente normativo da escola foi um choque de realidade para os alunos. Por isso, tivemos e ainda estamos experimentando uma intensidade muito maior nesses problemas de convivência e de violência também.

Qual é o papel da família nesse contexto?

As famílias encararam o retorno à escola, ao presencial, com uma postura de superproteção em relação aos filhos. Há a ideia generalizada de que eles, por causa da pandemia, já sofreram muito. E isso se reflete na postura de não querer que o filho ou a filha passem por alguma frustração, por algum desagrado, por algum episódio que seja considerado como negativo na escola. O que é impossível, porque os conflitos ocorrem a todo momento e são importantes, inclusive, para o desenvolvimento e o amadurecimento dos filhos. Portanto, muitas vezes, a postura da família acaba agravando certas situações, porque sufoca a possibilidade de as coisas se resolverem de maneira formativa, educativa, conduzida pela escola.

O vício nas telas também potencializa os conflitos?

Durante o isolamento social, a gente virou para o computador, para o celular e não voltamos, não é mesmo? A todo momento, surge uma nova pesquisa mostrando como o excesso de tela é prejudicial à formação de crianças e adolescentes. Não por acaso, estamos assistindo a um movimento pela proibição do uso do celular nas escolas. Para além dos prejuízos pedagógicos, as telas, a intensificação do viver no mundo virtual, afetam profundamente a convivência. A relação mediada pela tela inibe a construção da empatia, uma competência social absolutamente imprescindível para a boa convivência.

Como as escolas podem lidar com esse cenário desafiador?

É preciso cuidar da convivência desde sempre, e não apenas nos momentos de crise e conflito. Assim como planeja as suas ações pedagógicas para português, matemática, geografia, a escola precisa planejar efetivamente as ações que promovam a convivência.

E como se faz isso?

A convivência é responsabilidade de toda a comunidade escolar: alunos, professores, família, equipe gestora, funcionários. Toda essa população tem de passar por momentos de participação efetiva, de reflexão e de formação. Existem temas que precisam sair daquela condição de crença, de achismo. E aí é a instituição escola que precisa se responsabilizar pelo compartilhamento do conhecimento científico.

De que forma?

Por exemplo, quando instrui a sua comunidade para saber diferenciar o *bullying* de outros conflitos. Isso é uma ação de planejamento de convivência. Mas ela não pode ser pontual. Tem de fazer parte de um programa permanente. Para prevenir e lidar com problemas de convivência é preciso ter um programa que vai institucionalizar parâmetros de atuação, formar continuamente a comunidade escolar sobre esses temas, criar espaços de diálogo para alunos e professores, como assembleias e disciplinas específicas. Assim como cuida do desempenho escolar do aluno, a escola também precisa se responsabilizar pelas dimensões social e moral dele, pois elas fazem parte do compromisso da formação integral do aluno.



Afinal, como chamam as “disciplinas” da Educação Infantil?

Campos de Experiência - Aprendizagem na prática

Você sabia que a joaninha é um tipo de besouro? E saberia dizer se o ouriço-do-mar tem boca? Besouros e ouriços estão hoje na mira das pesquisas e dos trabalhos das crianças da Educação Infantil.

A turma do Infantil 4 despertou para os insetos num passeio pelo bosque. A partir de então, com a ajuda das professoras, iniciou o projeto de pesquisa sobre o tema. O ouriço “caiu na rede” dos alunos do Infantil 5 a partir da leitura do livro *Cada Bicho Tem Seu Canto*, que relaciona bichos e letras do alfabeto. Para os pequenos, o ouriço, da letra O, aquela bola escura e cheia de espinhos, não parecia um bicho... “Não é planta, não?”, “tem boca?”, “o que come?”.

As dúvidas foram o ponto de partida de novas investigações que, assim como no caso dos insetos, vão proporcionar à garotada diferentes aprendizagens a partir de experiências concretas, jogos e brincadeiras. “Podemos dizer que, na Educação Infantil, não damos uma aula convencional. O que fazemos é promover experiências que levam a situações de aprendizagens ativas e duradouras”, explica Sílvia Adrião, coordenadora pedagógica dessa etapa de ensino.

A frase de Sílvia resume uma mudança importante que aconteceu no Ensino Infantil, baseada nas diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para crianças de zero até 5 anos, o processo educativo é composto de interações e brincadeiras, organizadas nos chamados Campos de Experiência. Eles reagruparam as primeiras noções das disciplinas convencionais, como Matemática e Ciências Naturais, em arranjos curriculares que permitem às crianças relacioná-los às situações e experiências de vida. “É uma educação que tem como base a continuidade do apren-

dizado para que as experiências vividas produzam sentido para as crianças, no qual a escuta faz parte da construção do conhecimento e a participação ativa, curiosa e investigativa delas é fundamental para a aprendizagem”, afirma Andréa Ferreira, orientadora educacional.

Escuta atenta

O currículo da Educação Infantil é organizado em cinco Campos de Experiência: “O Eu, o Outro e o Nós”; “Corpo, Gestos e Movimentos”; “Traços, Sons, Cores e Formas”; “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação” e “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações” (*ver quadro*). Na visão da Base Comum Curricular, se faz necessário olhar para os Campos de Experiência e a forma como eles estão interligados a partir da jornada cotidiana da Educação Infantil. Isso engloba desde o horário do comer, o deslocar-se pela escola, o momento da chegada (acolhimento) e da saída, até uma investigação e um projeto que as crianças desenvolvem. Os Campos não são unidades disciplinares estanques. “Nunca há um Campo isolado, pois eles estão interligados uns com os outros. Há um olhar interdisciplinar entre eles. Como no caso da joaninha, as suas asas, de tom vermelho vivo e salpicadas de bolinhas, podem servir de exemplo para a exploração de cores e formas, tanto quanto para trabalhar a noção de quantidade”, explica Andréa.

Os Campos de Experiência são norteadores do planejamento didático que os pequenos vão experimentar ao longo de sua jornada de aprendizagem. A construção desse planejamento passa pelo interesse das crianças e depende da sensibilidade e da escuta atenta dos professores. “Estou o

tempo todo pensando em propostas para oferecer às crianças baseadas naquilo que percebo que é o interesse delas”, diz Débora Pleul, professora do Infantil 4. “Nessa idade, as crianças são muito curiosas pelos bichos. A turma do ano passado ficou intrigada com as formigas em um passeio pelo parque e elas se transformaram no nosso objeto de estudo. Neste ano, é a vez dos besouros. É preciso estarmos atentos para manter o olhar científico em nossas crianças, pois, quando elas investigam seu cotidiano, se espantam com as novas descobertas e constroem novos significados, novas hipóteses e teorias. Nesse cenário, cabe a nós, professores, tornarmos visível as aprendizagens.”

“Na Base Comum Curricular (BNCC), há seis Direitos de Aprendizagem. São os modos como as crianças aprendem, ou seja, como dão sentido ao mundo. Elas aprendem muito mais participando, brincando, explorando, se expressando, convivendo e se conhecendo”, explica Sílvia.

Cantos de acolhimento

Os jogos simbólicos são outros recursos fundamentais para essa etapa de ensino e promovem diferentes aprendizagens e conexões entre os Campos de Experiência e os Direitos de Aprendizagem. A montagem de contextos de escritório ou de supermercado, por exemplo, permite vivências com números, primeiras letras, oralidade e convivência social, um importante objeto de aprendizagem. A Educação Infantil é a entrada da criança no universo da escola e representa um grande desafio de socialização. Um mundo novo se abre para as crianças, representado pela turma, pelos professores. Trata-se de um universo de estímulos riquíssimos. “As crianças realizam pesquisas com os materiais disponibilizados e os professores refletem sobre as ações de pesquisa delas”, diz a orientadora Andréia.

Um impacto muito nítido dessa nova realidade se dá no desenvolvimento e na ampliação da capacidade expressiva da criança. “No ambiente familiar, a criança nem precisa falar para ser entendida. Seus gestos e necessidades são conhecidos. Mas, na escola, ela precisa verbalizar, por exemplo,

uma opinião sobre uma história ou sobre os combinados de convivência da turma, o que a leva a organizar esse pensamento a fim de expressá-lo”, diz Débora.

Existem estratégias que tornam suave o ingresso dos pequenos no novo ambiente. Uma delas é produção de cantos de acolhimento na sala de referência de cada turma. Eles podem ter peças para jogos de construção, podem reproduzir uma cozinha ou consultório médico com itens para as crianças brincarem, material para produzir grafismos, entre muitas outras propostas. Débora cita um canto de “cientista” montado recentemente com seringas, pinças, lupas, tubos, medidores, líquidos, flores e folhas diversas. As crianças não sabiam muito bem o que era aquele material e para o que servia, mas começaram a explorar as peças e logo cada um estava preparando a sua poção. “O que envolvia medir quantidades, misturar, colocar ingredientes em ordem, relações que elas mesmas foram estabelecendo, sem que fosse necessário dirigi-las”, relembra. “É nessas horas que a gente consegue perceber as crianças imersas nos Campos de Experiência e como esses momentos são ricos. Nosso intuito é criar condições para que as ideias das crianças possam ser criativamente concretizadas”, afirma Débora.

Quando planejam os contextos investigativos (atraentes e dinâmicos), as professoras têm como foco um conjunto de práticas cotidianas que englobam os Campos de Experiência e os Direitos de Aprendizagem contidos na BNCC. Assim, as crianças podem ser estimuladas em suas múltiplas linguagens, percebendo-se como pertencentes e potentes em seu processo de aprendizagem.

É importante salientar que, mais tarde, os Campos de Experiência se especializam e se tornam áreas do conhecimento no EFAI (Ensino Fundamental Anos Iniciais). O arranjo curricular atual é interdisciplinar, voltado para a construção da continuidade do conhecimento e do direito de ser criança. A BNCC enfatiza o aprendizado global. A ideia é que as crianças cheguem ao EFAI capazes de elaborar diferentes hipóteses sobre o mundo, o que é fundamental para aprendizagens futuras.



Os cinco Campos de Experiência e seus objetivos

O Eu, o Outro e o Nós

Conforme vivem suas primeiras experiências sociais – na família, na escola e na coletividade –, as crianças constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros: construção da autonomia, do senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. A Educação Infantil cria oportunidades para que as crianças ampliem o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizem sua identidade, respeitem os outros e reconheçam que as diferenças nos constituem como seres humanos.



Corpo, Gesto e Movimentos

Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois é fundamental nas práticas pedagógicas. Por meio do espírito lúdico e na interação com os pares, as crianças exploram e vivenciam amplos repertórios de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço.

Traços, Sons, Cores e Formas

Favorece o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão das crianças por meio da convivência com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais; de experiências diversificadas e de vivências com diversas formas de expressão e linguagem, como as artes visuais (pinturas, colagem, modelagem, fotografias etc.) e a música, o teatro e as danças, entre outras manifestações.



Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação

A Educação Infantil é o momento em que as crianças se apropriam da língua oral. E, por meio de variadas situações do cotidiano, podem falar e ouvir com o objetivo de ampliar e enriquecer seus recursos de expressão e de compreensão, seu vocabulário, o que possibilita a internalização de estruturas linguísticas mais complexas. A presença da literatura infantil introduz a criança na escrita, além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e à ampliação do conhecimento de mundo e da escuta atenta.

Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações

Aqui o objetivo é criar oportunidades de interações e brincadeiras nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações e ampliar seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural com o intuito de utilizá-los em seu cotidiano.



A tela como aliada

4º e 5º anos contam com uma plataforma digital de incentivo à leitura

O excesso de tela é uma pandemia que assola o planeta e que tem entre as crianças e os jovens um público suscetível. Passar horas em frente ao computador ou de olho no celular pode provocar alterações no sono, desatenção e distúrbios comportamentais, entre muitas outras questões, como apontam diversos estudos. Mas os dispositivos digitais em si não são um problema. Tudo depende do uso que se faz deles. Eles podem, por exemplo, ser usados como uma poderosa ferramenta para a formação de leitores e se converter numa alternativa à influência das redes sociais.

É nisso que aposta a equipe dos Anos Iniciais. Em 2024, o trabalho de leitura com os alunos do 4º e do 5º ano passou a contar com o apoio da plataforma digital *Árvore*, que concentra acervo de títulos, conteúdos diversos sobre literatura e atividades, entre outras opções. “Trata-se da etapa em que os alunos ganham fluência na leitura. O acesso a esse novo recurso digital vai ajudá-los nesse processo”, explica a coordenadora Dionécia Menin.

Na plataforma, que é usada em sala de aula e que pode ser acessada fora dela, os alunos encontram as leituras indicadas pelos professores, exercícios propostos por eles, mas também podem explorar por conta própria os conteúdos disponíveis e autogerir a sua leitura. Podem, por exemplo, buscar um livro que interessa ao fazer a procura por autor, título ou tema. Os algoritmos da plataforma dão, é claro, uma mãozinha. Com base no histórico de escolhas dos alunos, eles apresentam sugestões do tipo “você leu tal autor, então pode gostar deste...”

A interface da plataforma tem um jeitão de game para atrair a garotada. O avatar criado pelo aluno ao fazer a sua

inscrição, por exemplo, vai crescendo conforme ele acumula pontos ao realizar as leituras indicadas e os exercícios propostos ou acessar o conteúdo disponível, dando a ele – aluno – um parâmetro do seu próprio desenvolvimento.

Para os professores, a plataforma, além das atividades que oferece, permite a criação de conteúdos sob demanda e exercícios. Os professores também têm acesso ao histórico do aluno dentro da ferramenta: seu tempo de leitura e os títulos e conteúdos acessados, entre outras informações. “A gente recebe esse retorno, muito importante, por meio da plataforma. Ela pode nos mostrar o andamento da turma

ou de algum aluno para que se faça um trabalho de reforço em sala de aula sobre um tema que não tenha ficado claro ou tenha gerado mais dificuldade”, salienta Paulo Fontes de Queiroz Júnior.



versos tipos textuais – narrativas, diálogos, instruções etc. – bem como os gêneros textuais, como contos, fábulas, poemas, reportagens e entrevistas, entre outros. “Os livros que adotamos, o livro físico, exploram os tipos e gêneros textuais, da mesma forma que as indicações de leitura disponíveis na *Árvore*”, explica Karla Szelmenczi Ramos, orientadora educacional e assessora de Língua Portuguesa.

É um jogo de mão dupla, em que as atividades em sala de aula alimentam e reforçam o digital, e vice-versa. Os alunos do 4º ano, por exemplo, têm uma aula semanal sobre a biblioteca, em que aprendem a usar o espaço, criando pau-

latinamente autonomia para explorá-lo por conta própria. Esse processo pode ser experimentado no digital, quando os alunos fazem a busca por uma obra.

E mesmo as atividades típicas de sala de aula, como a leitura em voz alta, cuja velocidade e cadência, entre outros quesitos, fornecem uma avaliação do nível da compreensão leitora do aluno (*ver quadro*), contribuem para a desenvoltura da leitura no meio digital. “O que buscamos é um aluno capaz de executar uma leitura profunda não apenas da forma tradicional, por meio do livro físico, como também digitalmente. Queremos alunos duplamente letrados”, diz Dionéia. Aqui vale um parêntese: como forma de valorizar e reforçar a leitura, neste ano a lista de livros adotados aumentou em dois ou três títulos, conforme o ano.

No processo de formação de leitores, como lembra Karla, é fundamental despertar o prazer de ler. E ela reconhece que nem todos os livros adotados fornecem necessariamente uma leitura fluida. “Há livros de conteúdo mais denso, outros de vocabulário mais difícil, mas não podemos nos furtar de apresentá-los aos alunos”, diz. “A chegada da plataforma digital facilita ao aluno a procura por um tema de interesse dele, ou outro título do autor que ele leu e gostou.”

Paulo lembra que a adoção da plataforma Árvore é uma maneira de sinalizar aos alunos que as telas, afinal, podem ser usadas de forma positiva. “Em vez de ficar batendo na tecla do excesso, é importante apresentar outras boas possibilidades aos alunos”, avalia. Até porque a tendência nos próximos anos é que haja uma gradativa diminuição dos livros impressos por questões de sustentabilidade. “Mais uma razão para a qualidade de leitura do nosso aluno ser a mesma com o livro na mão ou de olho na tela”, diz Dionéia.



Teste de qualidade

A fim de avaliar a fluência de leitura dos alunos dos Anos Iniciais, a equipe de Língua Portuguesa desenvolveu indicadores que balizam a qualidade da leitura a partir de três critérios: fluidez, velocidade e expressividade. Conheça a seguir os níveis de proficiência de cada um deles.

Fluidez

1. O texto é lido, em sua maior parte, sílaba por sílaba ou palavra por palavra.
2. O texto é lido em pequenos agrupamentos de palavras e, em sua maior parte, descontextualizadas do sentido.
3. O texto é lido com fluidez e as palavras são reconhecidas automaticamente.
4. O texto é lido com fluidez. As palavras são reconhecidas automaticamente, mostrando a continuidade entre a leitura de uma palavra e outra.

Velocidade

1. Lê de forma muito lenta e com esforço.
2. Lê de forma alternada entre velocidade lenta e acesso mais rápido em alguns trechos, segundo as dificuldades em decodificar.
3. Lê com velocidade, mas apresenta erros que comprometem a compreensão.
4. Lê com velocidade equivalente à fala espontânea, de forma natural e sem esforço. Podem acontecer algumas regressões, repetições ou correções, que não atrapalham o arranjo geral da leitura.

Expressividade

1. A leitura é realizada de forma monótona e robotizada, com o esforço concentrado na pronúncia das palavras. Não há uma cadência rítmica.
2. A leitura é realizada com pouca interpretação expressiva. A cadência rítmica oscila, mas ainda tende a ser descompassada.
3. Lê com variação melódica adequada, utilizando recursos expressivos de ênfase em trechos adequados, com boa cadência de ritmo.
4. Lê com variação melódica adequada, utilizando recursos expressivos de ênfase, com boa cadência de ritmo. Imprime as atitudes e emoções relacionadas às diferentes passagens do texto.

Arena do entendimento

A nova disciplina Projeto de Vida e Convivência apura o senso coletivo e desenvolve a autonomia dos alunos

O 6º ano é a porta de entrada aos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em relação aos Anos Iniciais, os desafios para os alunos crescem um bocado. O número de professores aumenta, aulas, lições e provas ganham complexidade, exigindo responsabilidade e autonomia da garotada. “É muita coisa nova mesmo. A gente tem que prestar atenção para não perder nenhuma orientação que os professores passam”, admite Sophia Prósperi, aluna do 6ºD.

Para organizar tanta informação, Sophia e os colegas de classe, reunidos em assembleia, decidiram sugerir aos professores o seguinte: que cada um deles passasse a colocar num canto da lousa a pauta da aula, com os conteúdos, atividades e lições. Esse canto da lousa nunca é apagado, mas somente atualizado pelo professor quando necessário. Assim, o aluno que perdeu algo só tem de consultar a agenda na lousa para ficar na mesma página que os demais. A ideia deu tão certo que foi adotada por todo o 6º ano.

Tal iniciativa é resultado da disciplina Projeto de Vida e Convivência, que passou a integrar a matriz curricular dos Anos Finais em 2024. A novidade nasceu da reflexão do trabalho de orientação educacional, da observação do comportamento dos alunos no pós-pandemia e da própria realidade dos Anos Finais, que recebe um aluno com 10 ou 11 anos, ainda uma criança, e forma um adolescente com 14 ou 15 anos, que vai encarar as escolhas que esperam por ele no Ensino Médio.

“De forma geral, a ideia da disciplina é identificar questões, problemas e conflitos na sala de aula de forma coletiva e buscar as soluções, tornando os alunos mais participativos nesse processo”, explica Sandra Lieven, coordenadora dos Anos Finais. A dinâmica do trabalho de orientação deu a primeira pista de que valia a pena abrir espaço para a nova disciplina – ela ocupa uma aula semanal no horário

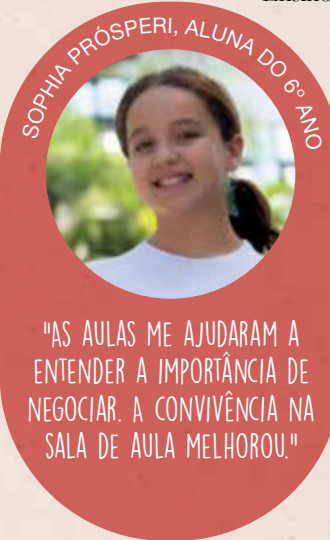
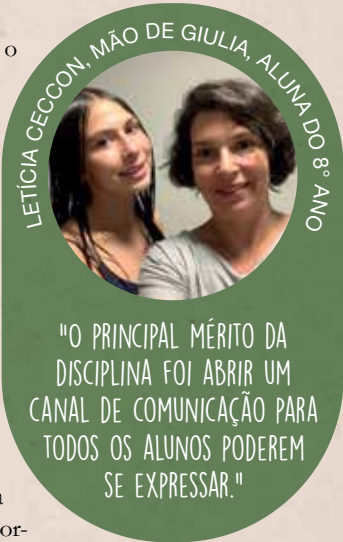
dos Anos Finais. “O aluno trazia o problema à orientação e, muitas vezes, a gente tinha de voltar à sala de aula para solucioná-lo, interrompendo o trabalho do professor. Isso não acontece mais”, lembra a orientadora Marina Brancher.

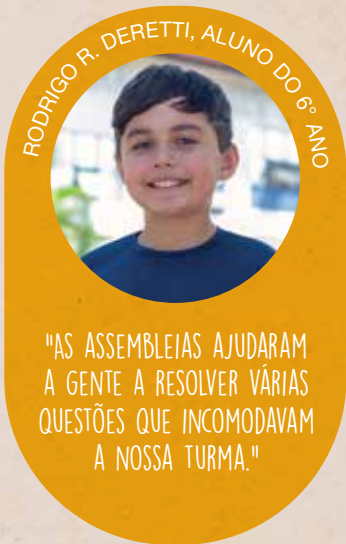
Outro ponto é trabalhar de forma preventiva as questões que costumam afligir os alunos. Um exemplo é a preparação para a semana de provas. Por essa razão, umas das primeiras contribuições da nova disciplina foi ajudar os alunos a organizarem a sua rotina de estudos.

Alguns comportamentos na volta às aulas 100% presenciais, a partir de 2022, também sinalizaram que era necessária uma iniciativa para ajudar os estudantes a entender o coletivo e a transitar sem atritos por esse espaço novamente. Marina se lembra de os alunos deixando as suas mochilas espalhadas pelo corredor, atravancando a passagem dos colegas e dos professores. “Eles agiam como se ainda estivessem em casa, no próprio quarto. Portanto, é preciso trabalhar essa vivência do coletivo e a ideia de pertencimento”, diz.

Com base nessas observações, a disciplina Projeto de Vida e Convivência foi organizada em torno de três eixos: aluno, cidadão e indivíduo. No primeiro, um dos trabalhos é criar uma “postura de estudante”, que passa por ensiná-los a organizar o cotidiano, abrindo espaço em suas agendas para todas as atividades, da escola e de fora dela. A garotada aprende, por exemplo, a criar um programa de estudos. “Pode parecer uma coisa prosaica, mas planejar a rotina funcionou muito bem para a minha filha”, assegura Letícia Ceccon, mãe de Giulia, aluna do 8ºD. “Ela não tinha toda essa organização e vejo que, além das coisas da escola, ela agora separa também horários para ir, por exemplo, à academia.”

O eixo do cidadão propõe torná-los participativos e conscientes dos processos que fazem parte da vida social, seja ela a





da esfera mais próxima dos alunos, como a sala de aula ou a escola, seja uma esfera mais abrangente, como a cidade e o país. Desde o início do ano, os alunos são convidados a discutir em assembleias questões que lhes interessam e buscar de forma coletiva as soluções. No início do ano aconteceu a eleição para os representantes de classe, oportunidade para discutir mais a fundo o papel deles e para os candidatos apresentarem as suas plataformas.

“Foi uma dinâmica muito rica. Nós discutimos a importância do representante, o que ele faz, as características que essa pessoa precisa ter. O representante ganhou significado para os alunos e passou a ser mais atuante por causa da preparação que fizemos para as eleições”, explica a orientadora Camila Torrezani.

O terceiro eixo, do indivíduo, trabalha as questões mais pessoais. Elas vão desde como podem expressar o que sentem, dizer o que pensam ao outro ou ao grupo, ganhando segurança em suas posições, a fim de enfrentar com mais tranquilidade a passagem à adolescência, até o processo das escolhas importantes que vão ter de fazer com a chegada ao Ensino Médio.

Em consonância com os eixos, a equipe da nova disciplina desenvolve temas ao longo do ano com os alunos, sempre com o intuito de reforçar a autonomia e a convivência em grupo. “Com o 6º ano, pensamos de cara no tema da comunicação não violenta. Em geral, a forma de tratamento nem sempre é adequada e eles não percebem isso”, observa Marina. A questão é agravada, segundo as orientadoras, pela influência das telas. A passagem do 5º para o 6º ano é quando a maioria ganha o primeiro celular.

“Existem situações que só acontecem no espaço social da escola. E a nossa função é mostrar possíveis caminhos para os alunos lidarem com a situação”, salienta a orientadora Flávia Cintra.

O tema do 7º ano tem a ver com a dificuldade de os alunos trabalharem de forma colaborativa. A proposta é que, organizados em grupo, discutam o que podem fazer para ajudar outras pessoas, da escola ou fora dela, e coloquem esse projeto em prática. “Temos seis turmas do 7º ano, cada uma com um perfil, o que deve resultar em projetos bastante distintos uns dos outros”, aposta Marina.

O 8º ano, como mostra a experiência da orientação, é o período em que os alunos começam o movimento de descolamento da família. Não é uma separação física. Trata-se do processo de construção de identidade, que os leva a negar o que vem de casa. “Esse é um processo natural e é importante que o aluno o vivencie”, diz Camila. O que a disciplina propõe é mostrar ao aluno que, apesar das escolhas que fará, ele continuará carregando muito da família na construção da sua personalidade e o quanto esse “DNA” é importante no processo.

Aqui também entram os conflitos de afirmação da identidade e as estratégias para enfrentá-los. Um exemplo: como dizer aos amigos que não quero fazer tal programa sem acabar julgado por isso? “É um trabalho que prepara o terreno para as discussões do 9º ano, que giram em torno das escolhas”, afirma Camila.

Quase dois meses depois da implantação do Projeto de Vida e Convivência, o saldo é altamente positivo. A equipe de orientação ressalta que a disciplina ampliou e fortaleceu o vínculo com os alunos. “Antes, eu conhecia bem que me procurava e demorava mais para estabelecer contato com o resto da turma. As aulas semanais transformaram essa relação. Estou muito mais próxima deles”, diz Marina. “Os tímidos, os quietinhos, passaram a se colocar mais. Hoje a gente conhece a dinâmica da turma e dos seus alunos”, garante Camila.

Mais certezas, mais repertório

A primeira turma a se formar no Novo Ensino Médio exhibe segurança em suas escolhas graças, sobretudo, ao currículo flexível

Artur Braga, Mateus Damigugue, Juliana Berti, Eduarda Tozzi, Giulia Delânio, Carlos Eduardo A. Junqueira e Isabella Altman são alunos da 3ª série do Ensino Médio e têm muita coisa em comum. Entre elas, uma característica incomum para quem vai prestar vestibular no final do ano e precisa bater o martelo a respeito do futuro profissional, diante de um vasto leque de opções: todos já decidiram o curso que vão tentar e se mostram seguros da escolha.

Eles fazem parte da primeira turma de alunos do Sabin que se forma a partir das diretrizes do chamado Novo Ensino Médio. Há alguns anos, o governo estabeleceu uma reorganização da última etapa da Educação Básica, que passou a valer a partir de 2022. A segurança que a turma exhibe tem tudo a ver com a formação que vêm experimentando dentro dessa nova lógica pedagógica oferecida pelo Sabin. “O aluno que sai do Novo Ensino Médio é alguém com mais certezas, daquilo que gosta e do que não gosta, porque fortaleceu seu repertório”, assinala a coordenadora Áurea de Souza Bazzi.

Em linhas gerais, o governo estabeleceu uma nova organização para o Ensino Médio, que aumentou a carga horária e rearranjou o currículo em duas grandes áreas, tornando-o mais flexível: um núcleo das disciplinas que contemplam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Itinerários Formativos, com disciplinas relacionadas a quatro áreas do conhecimento – Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Linguagens e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas –, acrescido das disciplinas Eletivas, um rol de opções que o aluno escolhe fazer.

Em relação aos Itinerários Formativos e Eletivas, assim como os alunos têm autonomia para escolher o que cursar, as escolas tiveram autonomia para definir tanto os temas quanto o formato das disciplinas: da aula tradicional às oficinas, passando por projetos e núcleos de estudo, entre outras opções. Para a equipe de coordenadores e professores do Ensino Médio do Sabin, foi a senha para ousar e formatar um projeto conectado aos desafios e demandas do mundo

“O Itinerário Formativo e as eletivas ajudaram como um primeiro indicador da minha escolha profissional, daquilo que eu queria e do que eu não queria de jeito nenhum.”
Artur Braga, 3º E

“Uma disciplina eletiva, como Ciência Forense, só tive a possibilidade de cursar graças ao Novo Ensino Médio. Foi muito proveitoso.”
Mateus Damigugue, 3º E

“As eletivas confirmaram o meu caminho para a História e os professores foram a minha inspiração. Também quero ser professor.”
Carlos Eduardo, 3º D

“O que me motivou a pensar no que eu realmente queria fazer foram as disciplinas do itinerário e as eletivas.”
Juliana Berti, 3º B

“Tinha um leque de opções. Fiz eletiva de cinema e de publicidade e propaganda. Adorei ambas, mas foi quando percebi que não era o que queria. Daí decidi pela medicina.”
Giulia Delânio, 3º B

“Não consigo largar as eletivas. Elas funcionam como um alívio para a rotina de matemática, química, geografia.”
Eduarda Tozzi, 3º B

“Criei um vínculo afetivo gigante com as aulas e os professores. Passo o dia na escola. O Sabin virou a minha segunda casa.”
Isabella Altman, 3º D

contemporâneo. “A palavra de ordem foi pensar fora da caixa, discutir aquilo que na aula tradicional a gente não consegue. Foi enriquecedor”, avalia Áurea.

De cara, alguns alunos ficaram apreensivos com o formato do Novo Ensino Médio, em especial com o aumento da carga horária. Na 3ª série, por exemplo, além das manhãs, as aulas ocupam as tardes de quatro dias da semana. “É cansativo, sem dúvida, mas sinto que ajuda a gente a criar casca. É um treino para o que vem pela frente, na faculdade e no trabalho”, imagina Carlos Eduardo, o Cadu. Para ele, o caminho percorrido ao longo do Médio serviu para confirmar uma vocação. Cadu optou pelo itinerário de Ciências Humanas. Entre as Eletivas, a que lhe atestou a escolha profissional foi Cego É Aquele que Só Enxerga a Bola, que fala sobre o surgimento do futebol paulista, “e que mistura as minhas duas grandes paixões, futebol e história”, diz ele. Cadu vai prestar História e quer ser professor.

Moda e regime militar

O aumento da carga horária e a estrutura dos Itinerários Formativos, bem como a oferta de Eletivas, abriram espaço para abordagens que reforçam o currículo obrigatório e vão além dele. “Nesse novo desenho, conseguimos aprofundar temas”, lembra a professora Renata Mazzeo. Em sua área, as Ciências Humanas, por exemplo, foi possível incrementar o conteúdo de Filosofia e Sociologia e trabalhar com suportes como cinema e textos historiográficos, entre outros materiais, desenvolvendo novas habilidades para os alunos e lançando mão de modelos de avaliação que fogem do tradicional.

Sair da aula e da avaliação convencionais encarando novos formatos pode ser revelador de habilidades até então insuspeitas. Foi o que Eduarda e Giulia experimentaram ao longo da 2ª série ao desenvolver seu projeto de pesquisa para a disciplina Iniciação Científica. Elas queriam fazer algo envolvendo moda e chegaram a Zuzu Angel, estilista e uma das pioneiras da moda brasileira. Zuzu se tornou conhecida por suas criações e por sua luta para esclarecer a morte do filho, Stuart Angel, militante de esquerda vítima do regime militar.

O projeto de pesquisa de Eduarda e Giulia reconstrói o trabalho da estilista e mostra como era influenciado pelo clima de repressão que o país vivia nos anos 1960 e 70. A

pesquisa conquistou o primeiro lugar no Consórcio Sabin, de 2023, concurso realizado no final do ano, reunindo os 20 melhores projetos da disciplina Iniciação Científica. “O trabalho revelou capacidades que

eu não imaginava ter”, diz Eduarda. “Qualidades que foram decisivas para confirmar o desejo de fazer Direito.” Giulia se surpreendeu com a própria dedicação e foco no projeto. “Fiquei supercontente, porque ambos são fundamentais para me sair bem no vestibular de Medicina logo mais”, revela.

A estrutura dos Itinerários Formativos e das Eletivas permitiu que Denise Masson abrisse o leque de possibilidades da sua área, a Produção de Textos. Os alunos escreveram para diversos formatos de mídia, como blog e documentário, entre outros, e experimentaram linguagens não escritas, como a do fotojornalismo. “Esse passeio pelas mídias nos aproximou do que é a realidade dessa garotada hoje”, diz. Não só isso. Denise avalia que um dos maiores benefícios do Novo Ensino Médio foi estimular a capacidade de o aluno fazer relações, pelo fato de as disciplinas não confinarem os saberes em gavetas estanques. “Para o aluno dar conta de determinado aspecto social, por exemplo, ele aciona História, Sociologia, Arte, Literatura. Não há barreiras.”

Essa mistura é a essência de disciplinas Eletivas como Ciência Forense, que traz conhecimentos de Química, Física e do Direito, ou Astrobiologia, dos Itinerários Formativos, campo recente da ciência que discute a vida em um contexto cósmico, misturando conceitos de Biologia, Química e Física. Para Michele Debus, a configuração do Novo Ensino Médio fez com que os alunos tivessem acesso a uma Matemática que desce do campo abstrato para a vida real. Fábrica Inteligente, uma das disciplinas do Itinerário Formativo, tem quase 100% das aulas dentro da Sala Maker. É ali que os alunos testam, por exemplo, as aplicações dos conceitos geométricos nas construções de uma cidade. Ou quando percebem que estruturas matemáticas como as matrizes são essenciais para fazer programação, como experimentam nas aulas envolvendo tecnologia.

Explorar as várias facetas de uma disciplina foi o que levou Isabella a decidir por cursar moda. Ela sempre gostou da área, mas não imaginava trabalhar como estilista. “Nunca me vi desenhando modelos. Até que na eletiva descobri o que quero: atuar em marketing e publicidade de moda”, esclarece. A eletiva a que se refere é Moda e Contexto, oferecida na 2ª Série. “As aulas foram ministradas por uma professora do Instituto Europeo di Design. Ela ofereceu uma visão abrangente do tema, o que fez toda a diferença”, garante Isabella.

Para Áurea, o processo de aprendizagem não se limitou aos alunos. O exercício de desenhar o Novo Ensino Médio, pensar criativamente os Itinerários Formativos e as Eletivas, confrontar experiências e saberes com profissionais de outras instituições, resultou em um processo de crescimento para toda a equipe. “Aprendemos a dar aulas melhores”.

Momento de ebulição

Departamento de Inglês acelera a vivência dos alunos com o idioma em aulas lúdicas, *workshops* e intercâmbio, entre outras ações

Leonardo Mackeldey Saghi, 8 anos, tem uma prima um ano mais velha que mora longe, em Greenwich, uma cidade próxima a Nova York, nos Estados Unidos. Quando se falam por chamada de vídeo, em uma mistura de idiomas, Anna corrige Léo nas vezes em que ele tropeça no inglês – momentos que vêm se tornando raros. Desde o ano passado, quando fazia o 2º ano, Léo tem interagido mais com a língua, nas aulas curriculares e também no *Keep Speaking*, programa que trabalha com o idioma de forma lúdica com foco na oralidade e já rendeu a ele um diploma de participação pela capacidade de soletrar palavras. “Quero aprender inglês para conversar com a Anna e para viajar. Acho uma língua legal”, diz ele, que participou do *Spelling Bee Contest*, com seus colegas do 3º ano. Liz Witzel, também aluna do 2º Ano, faz coro a Léo. “O inglês é importante para se comunicar com pessoas de outros países e também para conhecer outras culturas”, diz.

Léo e Liz experimentam o momento de efervescência que o Departamento de Inglês atravessa desde o ano passado, com o projeto do Integral Bilingue para a Educação Infantil (EI) e o Ensino Fundamental – Anos Iniciais (EFAI), e com a construção de um itinerário de internacionalização para o Ensino Médio (EM), que levou à oferta de disciplinas como *History of Science: Is Modern Science Universal?* e *Math and Finance*, e que daria origem a uma série de ações. As iniciativas vão de *workshops* e programas de intercâmbio nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra à orientação estruturada aos estudantes que desejam fazer graduação fora do país.

A internacionalização do currículo do Sabin é, para a professora Simone Magalhães, um movimento natural, que insere a escola em uma nova realidade. “A internacionalização coloca de vez a Educação Básica dentro de um mundo

globalizado, de consciência planetária e mercado de trabalho conectado”, diz ela, que é assessora pedagógica do Departamento de Língua Inglesa e responsável pelo Departamento de Internacionalização do Sabin.

Simone atua em diversas frentes, no apoio a alunos que desejam estudar fora, na curadoria de *workshops* e atividades a serem oferecidos para os estudantes e também no relacionamento com fornecedores da escola: a Daqui pra Fora, uma assessoria de graduação no exterior, e a Experimento, uma empresa de intercâmbio que é parceira do colégio. No ano passado, na largada do intercâmbio, 26 alunos foram ao exterior fazer cursos de férias com a supervisão de um professor do Sabin.

“Foi uma experiência única”, diz Enrico Vicenzo Carniel, hoje no 3ª série do Ensino Médio. Ele esteve em Boston, no último verão norte-americano, em um programa sobre empreendedorismo associado a Harvard (*Entrepreneurship Leadership Accelerator*). Com Enrico, embarcaram para Boston outros cinco alunos do Sabin, todos acompanhados por Simone. Nove estudantes seguiram para Toronto,

no Canadá, onde o curso visa o aprimoramento do inglês, e 11 para Manchester, na Inglaterra, onde os alunos aprofundam o inglês e experimentam uma imersão no centro de treinamento do Manchester United, a casa do craque De Bruyne.

“Ficamos 15 dias alojados no campus, em quartos com três, quatro pessoas. Como a viagem tinha uma proposta ligada a empreendedorismo, durante o dia seguíamos uma programação para trabalhar, principalmente, *soft skills*, habilidades não técnicas, e inovação. A parte da comunicação foi muito forte, e levo como um grande ensinamento”, diz Enrico. Ele, que pensa em cursar engenharia aeronáutica ou aeroespacial, diz não pensar em uma graduação no exterior, mas uma pós: “Muito provavelmente”.



Destaque em uma competição internacional de ensaios, Victor de Assumpção Fontes, aluno da 3ª Série, não precisou sair do país para avançar alguns *levels* no idioma dos Beatles. Na *Essay Competition*, uma disputa organizada pelo John Locke Institute, espaço ligado às universidades de Oxford e Princeton, era preciso escolher uma entre cerca de 20 questões e, ao respondê-la, elaborar um texto de 22 mil palavras, naturalmente em inglês. As questões eram de

áreas diversas, como política, economia e psicologia, essa última a opção de Victor. Ele decidiu discorrer sobre a felicidade: afinal, ela pode ser medida? “Fiz o texto e a pesquisa por conta própria, com o apoio dos professores: escrevia, enviava para um professor e ele me devolvia com recomendações. Então, reescrevia, reenviava e seguia nesse processo”, lembra. “Me esforcei e até considerava meu texto bom, mas não esperava ficar entre os finalistas. Havia muita gente competente na disputa. Foi uma surpresa, uma alegria”, admite. Victor, diferentemente de Enrico, pensa em estudar fora já na graduação. A meta é cursar Física ou Engenharia no Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos EUA. A fim de enfrentar o exigente e concorrido processo seletivo, poderá contar novamente com o apoio dos *teachers* do Sabin.

No caso dos pequenos, ainda distantes da faculdade e do mercado, o inglês funciona como uma espécie de vitamina para o processo de aprendizagem. “O cérebro é plástico. Desenvolve-se conforme o estimulamos. Quando aprendemos uma segunda língua, o cérebro se esforça para entender e produzir conteúdo em outro idioma. Isso nos leva a aprimorar a nossa reserva cognitiva”, diz Marion Celli, assessora pedagógica da Educação Infantil, Anos Iniciais e Integral Bilíngue do Departamento de Inglês. “Buscamos oferecer recursos linguísticos, vivências, experimentações e práticas com

o inglês para que os alunos se desenvolvam de modo pleno e lá na frente tenham oportunidade de cursar grandes faculdades, dentro e fora do Brasil. Hoje, e cada vez mais, é parte da realidade mudar de país por estudo ou trabalho.”

A estrela do novo momento do inglês, entre as crianças, é o *Keep Speaking*, uma saborosa imersão semanal no inglês, com brincadeiras, recursos de dramatização, música e jogos com foco na oralidade, oferecida a partir do 2º ano. Mas o ensino do idioma começa antes, com duas aulas tradicionais por semana a partir do Infantil 4. Do 2º ao 3º ano, com o acesso ao *Keep Speaking*, o inglês atinge a frequência de três vezes por semana. No 4º e no 5º anos, são quatro encontros semanais.

“Aqui, no Departamento de Inglês, estamos sempre em busca de ações e oportunidades de vivências em inglês para os nossos alunos”, diz a coordenadora Denise Araújo. Sinal de que novidades vêm por aí e que a temperatura vai permanecer em constante ebulição.



Dois anos cheios de novidade

2022

- Projeto-piloto do Integral Bilíngue para EI e EFAI

2022/2023

- Construção do itinerário de internacionalização, com a oferta de disciplinas do EM, como *History of Science: Is Modern Science Universal?* e *Math and Finance*

2023

- Início do *Keep Speaking* e letramento digital para EI e EFAI
- Início programas de intercâmbio com viagens para Boston, Toronto e Manchester
- Primeiro *workshop* da AMDA (*American Musical and Dramatic Academy*), conservatório de artes de representação, com unidades em Nova Iorque e Los Angeles
- Primeira *Essay Competition*, do John Locke Institute

2024

- Inclusão de atividades de internacionalização no fórum de profissões
- Início da oferta de APs (*Advanced Placement*), disciplinas avançadas – AP Chemistry e AP Calculus AB – que oferecem créditos para a universidade.

Na quadra, no palco, na sala de aula

No Sabin, as atividades esportivas e culturais jogam junto com o aprendizado acadêmico, oferecendo formação integral aos alunos

Duas vezes na semana, Vitor Poles, aluno do 8º ano, assiste pela manhã as aulas no Sabin. Em seguida, do meio-dia às 13 horas, joga vôlei dentro do Programa Sabin+Esportes&Cultura. Terminada a atividade, corre para encontrar a mãe, Natália, na porta da escola. Dali, eles viajam por cerca de uma hora até Campinas, no interior de São Paulo. No caminho, enquanto Natália dirige, Vitor vai saboreando a marmita que a mãe trouxe quentinha de casa. É fundamental estar alimentado. Chegando em Campinas, ele precisa de energia para encarar duas horas de treino puxado. Vitor é levantador do Renata Vôlei, equipe que se prepara para disputar os campeonatos paulista e regional sub-15 da modalidade. De volta a São Paulo, no final da tarde, ele vai direto para o Sabin para mais um treino de vôlei: uma hora e 40 minutos em quadra, levantando bolas, combinando jogadas, treinando recepção. Terminada a atividade, ele finalmente volta para casa, perto das 9 horas da noite. É uma rotina puxada. Para cumpri-la integralmente, é preciso não apenas fôlego, que Vitor tem de sobra, mas, sobretudo, disciplina e estratégia. “Gosto de planejar, de me organizar para dar conta de tudo. É o que faço em quadra como levantador e fora dela, no meu dia a dia”, explica.

Como Vitor, Matheus Damigue já jogou vôlei dentro do Programa Sabin+Esportes&Cultura, mas se encontrou mesmo nas aulas de teatro. Encarando a jornada da 3ª série do Médio, que desemboca no vestibular no final do ano, ele tem no palco a válvula de escape para a rotina de estudos.

“Não faço terapia. Faço teatro. É o que me dá energia, que não me faz ficar o tempo inteiro pensando nas provas, o que é sadio e fundamental para o meu bom desempenho no vestibular”, garante. Além de desestressar, o teatro cumpre outros papéis – sem trocadilho – na sua preparação para os processos seletivos. “Tem o exercício da criatividade, do trabalho em grupo, de lidar com as diferenças de opinião e, claro, a ampliação de repertório”, enumera Matheus. Sobre o último item, ele lembra como a preparação para o musical *Rei Leão*, encenado no final do ano passado na escola, no qual fez o papel do suricato Timão, funcionou como uma aproximação da cultura africana, aumentando o seu conhecimento sobre ela.

Os exemplos de Vitor e Mateus mostram como as atividades do Programa Sabin+Esportes&Cultura se integram ao cotidiano acadêmico dos alunos com o objetivo de potencializá-lo, proporcionando uma formação integral – marca registrada do Sabin desde a sua fundação. Disponível a partir do 2º ano do Fundamental – Anos Iniciais até a 3ª série do Médio, o Programa Sabin+Esportes&Cultura abre ao aluno a possibilidade de escolher até três atividades esportivas ou culturais entre 19 opções – todas oferecidas como disciplinas extracurriculares, se o aluno desejar acrescentá-las à sua formação. Por ano, o Programa recebe cerca de 5 mil inscrições.

“O Programa Sabin+Esportes&Cultura atua em duas vertentes principais para os alunos: amplia repertório e de-

“A educação anda junto com o esporte. Um melhora o outro.”

Vitor Poles, 8º ano do Fundamental, levantador da equipe Renata Vôlei



“O teatro dá oportunidade de exercitar habilidades como a criatividade, a tolerância e a empatia com as diferenças de opinião.”

Mateus Damigue, 3ª série do Médio



senolve a afetividade para com o esporte e a cultura”, diz o coordenador Paulo Rogério Vieira. Ele explica que o programa propõe uma entrada gradativa do aluno no universo esportivo e cultural. As opções vão crescendo conforme ele avança na sua jornada escolar. Da mesma forma e no mesmo ritmo, as modalidades ganham complexidade – a iniciação esportiva, por exemplo, evolui para modalidades específicas. “Há um gradativo ganho muscular, de coordenação motora, assim como há o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como liderar, atuar coletivamente, desenvolver a criatividade, comunicar, saber escutar, de forma que o aluno vai adquirindo capacidades para enfrentar os desafios da nossa realidade”, explica Paulo.

Seu colega Ricardo Sonzin, responsável pelas atividades culturais do Programa, enxerga também outro processo fundamental na formação do aluno. “A gente abre a oportunidade de eles trazerem o que aprenderam na sala de aula para outros universos. E o que aprendem em nossas atividades, eles também levam para a sala de aula”, diz, reforçando a complementariedade da formação acadêmica, cultural e esportiva.

“Teatro não é só atuar. Estamos no momento discutindo o tema da peça que vamos montar no final do ano, refletindo sobre desigualdade social, sobre o cotidiano, o que é uma maneira poderosa de ampliar o repertório”, explica Giovanna Fenandes Bartijoto, aluna do 8º ano, que há dois anos frequenta as aulas de teatro do Programa Sabin+Esportes&Cultura

A afetividade a que Paulo se referiu nada mais é do que o “pegar gosto pela coisa”. Tanto ele quanto Sonzin entendem que o movimento tem a ver com a qualidade da formação que é oferecida no Programa. “Nosso foco não é formar esportistas ou atores, por exemplo. Mas damos aos alunos a oportunidade de experimentar opções dentro desses campos e oferecemos uma base sólida para os que

querem arriscar voos mais altos tanto nos esportes como nas artes”, diz Ricardo. “Costumo dizer que não oferecemos simplesmente uma vivência no esporte ou na cultura. Oferecemos uma formação no mesmo nível do acadêmico”, acrescenta Paulo.

Concentração e mobilização

Sharon Gonçalves treina basquete desde 2019, quando estava no 6º ano do Sabin. Hoje, aluna da 2ª série do Médio, atua como pivô da equipe sub-18 do Corinthians. A passagem do treino oferecido no Programa Sabin+Esportes&Cultura para o esporte de competição em um grande clube aconteceu sem maiores sustos, segundo ela, porque “a escola proporciona uma formação de qualidade”. Ela tem no esporte uma ferramenta essencial para se manter equilibrada. Aprendeu em quadra a dominar o nervosismo e transformá-lo em concentração e mobilização que melhoram o seu desempenho durante uma partida. “O nervosismo pode dar um branco na hora de uma prova, por exemplo. Mas você pode usá-lo em seu benefício se tiver desenvolvido essa habilidade. É o que faço”, diz.

Ricardo diz que as competências que são trabalhadas em quadra ou sobre o palco surgem com força em momentos como o da Mostra Cultural, no ano passado, quando os alunos do Médio apresentaram projetos de pesquisa científica dentro do formato *TED Talks* diante de uma banca de jurados. O *TED Talks* é um tipo de apresentação em que o palestrante tem no máximo 18 minutos para expor o seu ponto de vista de maneira objetiva e, ao mesmo tempo, sedutora. Ricardo se encarregou de ensaiar as apresentações com os alunos. “É quando fica nítido que o aluno que fez teatro, por exemplo, se destaca pela desenvoltura, pela postura, pela presença, o que faz toda a diferença na hora em que se está explicando um conceito científico”, afirma.

“O teatro é motivação para estudar, o que me dá energia. É uma oportunidade de dizer o que sentimos e de dividir esse sentimento com outras pessoas.”

Giovanna Fernandes Bartijoto, 8º ano do Fundamental



“Na escola, a gente sempre está muito focado nos estudos. O esporte ajuda a relaxar, baixa a ansiedade.”

Sharon Gonçalves, 2ª série do Médio, pivô do time de basquete sub-18 do Corinthians



“O livro é a grande viagem da nossa vida”

Os alunos do 4º E entrevistam a educadora Bel Mayer sobre o seu trabalho de formação de leitores.



A entrevistada no telão e os entrevistadores: conversa por videoconferência

De onde veio a ideia de bibliotecas pela cidade?

Veio de perceber uma falta. Como é legal chegar a uma biblioteca e encontrar livros que agradam a todos os gostos. Quando percebi que havia lugares em que as pessoas não tinham esse prazer, que não havia uma biblioteca, nem na escola nem no bairro, me juntei a outras pessoas que perceberam a mesma coisa e estavam dispostas a resolver essa falta. O acesso ao livro e à leitura é um direito de todos e a gente tem de fazer isso acontecer. Existem mais de 300 bibliotecas comunitárias no Brasil. Todo mundo precisa comer e o livro faz parte da nossa nutrição. Ele alimenta sonhos. Foi daí que surgiu o desejo de criar bibliotecas nas comunidades, nas periferias do nosso país.

De onde vêm os livros das bibliotecas que você organiza? Vocês aceitam doações?

Nossa biblioteca é comunitária, uma biblioteca que a co-

munidade toda ajuda. A comunidade que está perto e a comunidade de longe. Muitas pessoas da comunidade de perto não têm livros para dar. Então, a gente faz campanhas para receber doações. E também compramos livros. Como a nossa comunidade tem poucos livros, a gente pede sempre para as pessoas doarem os livros de que mais gostam, em bom estado, com histórias bacanas, livros bonitos, para que aquela pessoa que ainda não é leitora tenha a chance se apaixonar pela leitura.

É verdade que você conta histórias na biblioteca cuidada por você? Qual é a mais pedida?

Criei a primeira biblioteca com adolescentes em um cemitério. Depois, criamos outras quatro bibliotecas. Hoje temos cinco bibliotecas em Parelheiros. Na cidade de São Paulo, temos 19 bibliotecas ao todo, as Literasampa. Nelas temos os mediadores de leitura, que leem os livros. E a gente leva também contadores de histórias. Eu geralmente conto as

histórias que vi e vivi. Tem uma cadeira lá nas bibliotecas chamada “Eu Juro que Vi?”, que a gente usa para contar histórias. Eu sento ali e conto, por exemplo, a história dos jovens que criaram uma biblioteca dentro do cemitério e enfrentaram o medo de ir até lá para ler e falar de literatura.

Você ficou com medo de fazer uma biblioteca em um cemitério?

Sabe que não? O cemitério é uma parte da vida da gente. A gente nasce, cresce e morre. Então, tenho mais medo das pessoas vivas do que das pessoas mortas. Mas algumas crianças que foram lá para a biblioteca ficaram com medo. O que a gente fez para espantar o medo foi ficar bem pertinho um do outro, lendo poesia.

Qual era a sua história favorita quando você era criança?

Na minha casa não tinha livros. Então, uma vez, uma das minhas irmãs ganhou um livro que a empresa em que meu pai trabalhava mandou de presente de Natal: *Xande, o Grande*. Como aquele era o único livro que a gente tinha em casa, foi o nosso preferido. Além dele, tinha as histórias da minha avó. Ela colocava a gente no colo e contava histórias da cidade em que ela viveu quando jovem, Terra Nova, na Bahia. Eram histórias engraçadas, como quando chegou o primeiro telefone na cidade, ou quando uma pessoa encontrou com outra no caminho e achou que era um fantasma. As histórias da minha avó eram as melhores porque tinham duas coisas muito boas: as próprias histórias e o colo da avó.

Você já escreveu um livro para o público infantil ou pensa fazer isso?

Escrevi um livro com quase 40 pessoas no meio da pandemia. Coordeno uma organização social que tenta melhorar a vida da comunidade de Parelheiros. E aí, durante a pandemia, a gente começou a ver todo mundo dentro de casa, sem livros para ler, foi quando decidimos fazer o primeiro livro dos bebês de Parelheiros. Pegamos as mães, as professoras, os irmãos, os vizinhos e convidamos todo mundo para tirar foto dos bebês que tinham em casa: foto do bebê dormindo, chorando, sorrindo, engatinhando, tudo o que os bebês fazem dentro de casa, já que naqueles dias ninguém podia sair. Depois, começamos a escrever as histórias. Histórias um pouco poéticas sobre aquilo que o bebê mostrava na foto. Para um bebê que estava chorando, a gente escreveu um texto assim: “Onde dói? Aqui? Aqui? Vem no colinho, vem!” O livro se chama *Nascidos para*

Ler no Melhor Lugar para Se Viver. Esse foi o primeiro livro para crianças que escrevi. Espero poder escrever outros.

Quais são as suas histórias favoritas?

Tenho várias favoritas. Vou falar de uma delas, que se chama *Vidas Secas*. Fala de uma família do Nordeste do Brasil, de um lugar onde não chovia. E, quando chovia, a água era usada só por algumas pessoas com mais dinheiro. Os mais pobres viviam na seca. Imagina, você não tem vida sem água, né? Os animais morrem, as plantas não crescem, as pessoas passam fome. Li essa história quando tinha uns 16 anos e *Vidas Secas* virou o livro da minha vida. Tem uma outra história mais recente, um livro chamado *Fevereiro*, da Carol Fernandes. Ela é a autora do texto e fez também as ilustrações. Você já ouviu falar dos Filhos de Gandhi? São homens que se vestem de azul e branco na Bahia e saem cantando na rua durante o Carnaval, em fevereiro, tocando um instrumento que se chama agogô. O livro fala de um menino que vai contando os preparativos do avô, do pai e dos tios para sair no bloco dos Filhos de Gandhi. Fala das roupas, dos turbantes que usam e das comidas que são preparadas nesse dia. Gosto muito desse livro porque mostra que as crianças também podem participar do que acontece na vida dos adultos e que os adultos podem de um jeito muito bonito contar sobre a sua cultura para as crianças.

Estamos lendo o livro *Lendas da África Moderna*. Nele, um griô conta histórias. Você acha importante lermos histórias de outras culturas?

Seria maravilhoso se a gente pudesse viajar pelo mundo inteiro, conhecer os países, os cinco continentes, encontrar as pessoas. Mas, mesmo que a gente viva uns 150 anos, dificilmente conseguiria fazer isso. Os livros, a literatura, são um jeito de a gente viajar para outros lugares, de conhecer pessoas diferentes, com costumes diferentes dos nossos. O livro é a grande viagem da nossa vida.

Será que os contadores de história de hoje em dia são como os griôs?

Acho que existem vários tipos de contadores de histórias. Há contadores de histórias que, às vezes, se vestem como o personagem da história. Se vão contar uma história africana, colocam a roupa de algum país africano, por exemplo. É um jeito de trazer o teatro para uma história. Os griôs não têm tanto essa preocupação de como vão se vestir. A preocupação de um griô é passar à frente uma história que ouviu ou

que viveu. A gente tem alguns griôs espalhados por aí, na nossa vida. Falei no começo dessa entrevista da minha avó, que me colocava no colo e contava histórias da sua cidade. A minha avó era uma griô. Cada povo tem o seu. Na verdade, existem dois tipos: tem o griô e tem o akpalô. O akpalô é aquele que conta a história da sua comunidade, que vai narrando aquilo que está acontecendo dentro daquele tempo. Acredito que existem um monte de griôs e de akpalos espalhados por aí

Que livros você acha importante que as crianças da nossa idade leiam? Você pode nos indicar alguns?

Vou sugerir dois autores, negros como eu, que escrevem histórias que falam de pessoas negras que nem sempre estão na história e nem sempre chegam à estante das escolas. Como vocês estão lendo lendas africanas, vou sugerir *Carolina* em história em quadrinhos, do João Pinheiro e da Sirlene Barbasa. A Carolina Maria de Jesus foi uma moradora de favela que escrevia sobre a vida dura de catar papel na rua. Ela lia os livros que achava nas suas andanças e começou a escrever um diário sobre o que acontecia na vida dela. O João e a Sirlene transformaram esse diário numa história em quadrinhos, que é um jeito de fazer chegar a história da Carolina a quem não gosta de ler diário. A outra indicação são dois livros da Kiusam de Oliveira: *O Mundo no Black Power de Taió* e *O Black Power de Akin*, que falam desse cabelo crespo que as pessoas negras têm.

Você tem ideia de quantos livros já leu?

Que pergunta difícil! Tenho 56 anos, comecei a ler mais tarde, mas li muito para estudar. Estudei para ser professora, depois fiz duas faculdades, fiz pós-graduação. Então li muita coisa, mas não tenho ideia da quantidade de livros. Não fiz essa conta. Mas vou dar uma ideia. Em 2018, pedi para cinco amigos indicarem cada um dez livros que eu e os jovens deveríamos ler. E eu indiquei mais dez livros. Então, o total foi de 60 livros. Eu li todos esses livros indicados. E, este ano, desde o dia 4 de janeiro, decidi que iria ler um livro para infâncias por dia e um livro adulto por mês. E estou conseguindo cumprir essa meta.

Quanto tempo você demorou para escrever o seu primeiro livro?

O meu primeiro livro não é de literatura. Chama-se *Parelheiros, Idas e Vi(n)das – Ler, Viajar e Mover-se com uma Biblioteca Comu-*

nitária. Nele conto a história dos dez anos daquela biblioteca do cemitério. Demorei uns três anos para fazer o livro, entre a pesquisa e a produção do texto.

Qual é a sensação de escrever um livro?

Venho de uma casa que quase não tinha livros, como contei. Então, imagina um dia colocar na estante da sua mãe o livro que você escreveu. É uma sensação muito boa, de pensar: “Olha só onde a literatura me levou. Eu não era leitora, comecei a ler e agora também posso colocar as minhas histórias no papel”. Escrever também dá a sensação bonita de humildade. Porque você não dorme e lembra escritora. Não é assim. A gente precisa ler muito, precisa revisar o que escreveu, dar para outras pessoas lerem. É um trabalho bem coletivo e de muita paciência. Tem que ter paciência para ser escritora.

Quando criança você gostava de ler e escrever textos?

Na minha época de criança, nos anos 1970, eu não tinha muito acesso à literatura, mas a gente tinha os livros didáticos. E neles sempre tinha um texto para ler. Fui uma criança muito tímida e os livros me fizeram companhia. Aprendi a ler bem e, então, a partir do 3º ano, as professoras sempre me chamavam para fazer leitura. Também comecei a escrever diários, anotando o que acontecia comigo, o que pensava, as coisas que vivia. Faço diário até hoje. Estou aqui conversando com vocês e já anotei todos os nomes no meu caderno. Gosto de escrever. Escrevo no computador, mas gosto de escrever no caderno, porque tem um barulhinho, né? Do lápis passando no papel, que faz um pouquinho de cócega no ouvido da gente e me faz pensar melhor na palavra que vou colocar no papel. Também adoro ouvir histórias. O meu pai e minha mãe são vivos, estão bem velhinhos. Toda quarta-feira, depois do almoço, peço para me contarem histórias de quando eram crianças, de quando eram jovens. Depois, escrevo sobre o que ouvi deles.

Você aceitaria doações dos nossos livros favoritos?

Com o maior prazer! As nossas bibliotecas são pequenas. Então, não aceitamos livros didáticos, apenas de literatura, principalmente livros para crianças. Esses livros gastam rápido porque há muitas crianças nas nossas bibliotecas. Sempre precisamos deles. Vamos adorar receber os livros de vocês. Melhor ainda se vocês nos fizerem uma visita em Parelheiros, levando os livros e nos contando por que são os favoritos. Combinado?

O polêmico uso do celular

É inegável o quanto a tela é sedutora: como resistir ao acesso a uma infinidade de informações digitais? Tal dependência é cada vez mais onipresente, principalmente, em virtude da convivência precoce das novas gerações com os celulares. Um dos efeitos do uso sem freio das telas é o impacto negativo que podem provocar no rendimento escolar.

O celular, certamente, contribui para os estudos ao dinamizar o acesso a conhecimentos multifacetados pela diversidade de fontes e autores. Contudo, tal possibilidade exige por parte do estudante uma série de competências fulcrais. Entre elas, a capacidade de distinguir as falácias das veridades e de resistir à distração favorecida pelo bombardeamento de informações. Caso contrário, o ambiente virtual desvia o aluno do objetivo inicial: o estudo. Complicado, não é mesmo?

De acordo com a especialista Marília Silva de Albuquerque, convidada pelo colégio

para palestrar sobre o tema “O que a ciência nos diz sobre o uso de telas?”, o aparato tecnológico é “um potente distrator em virtude da capacidade de estimular a produção de dopamina, o neurotransmissor que promove a sensação de prazer e gratificação, que interfere no circuito de recompensa e no comportamento”.

Dado que os jovens ainda não possuem o córtex frontal totalmente desenvolvido, a área do cérebro cuja função está relacionada ao autocontrole, conclui-se que sejam mais suscetíveis ao vício tecnológico, à busca incessante de dopamina pela via digital. O que justifica medidas a fim de evitar tal dependência, como a proibição do uso do celular na escola. Com isso, se quer viabilizar o potencial cognitivo do estudante, preservando-o do poder hipnótico das telas. Do contrário, será a tecnologia a comandar os indivíduos, e não o contrário.



Isabela Barreto é aluna da 3ª série D do Ens. Médio.

Detox eletrônico

A proibição do uso de celulares no colégio, apesar de frustrante para muitos alunos, mirou o nosso bem-estar. A intenção com a medida é frear a dependência tecnológica e, com isso, melhorar o desempenho acadêmico.

Passar horas em frente às telas leva à constante liberação de dopamina, gerando o vício, segundo especialistas. Proibir o uso dos celulares no período de aulas, portanto, funciona como um tipo de detox eletrônico, pois impede que o estudante alimente a sua ansia por dopamina.

O celular é um distrator em sala de aula. Segundo o pesquisador Patrick Mc-

Ginnis, estamos sujeitos ao “*fear of missing out*”, ou seja, ao medo de não estar a par dos acontecimentos. A tendência de quem tem o celular em seu campo de visão é direcionar sua atenção para o aparelho a fim de obter uma nova informação em potencial. Tirar o celular de vista faz o estudante apontar a atenção seletiva e sustentada aos ensinamentos.

Confesso que cheguei a ficar triste com a proibição, mas agora vejo o acerto da medida. Aliás, não sinto nenhuma falta do celular nas aulas. Minha qualidade de vida melhorou.



Giovanna Varaldo é aluna da 3ª série C do Ensino Médio.



Joao Pedro Gomes é aluno da 3ª série B do Ensino Médio.



Veto educativo

Como aluna, acredito que são diversos os benefícios da proibição do uso do celular nas escolas. A tela tem um caráter distrator e, por isso, a redução de sua utilização contribui para a melhoria da concentração e da memória. Além disso, a restrição favorece a formação de competências socioemocionais, fundamentais para o processo de socialização que acontece na escola.

A recente medida tomada pelo Sabin, restringindo o uso do celular no ambiente escolar traz benefícios individuais e co-

letivos. Ela promove o aprimoramento das capacidades cognitivas e incentiva a convivência entre os estudantes, estimulando o contato com emoções e sentimentos.

Também percebo uma função educativa no veto. Trata-se de uma oportunidade para os estudantes refletirem sobre as consequências do uso impulsivo e descontrolado dos celulares. Com isso, estabelece-se uma convivência saudável com a tecnologia, uma vez que o celular pode ser uma ferramenta de grande utilidade no processo de aprendizado.



Vitória Deganeli é aluna da 3ª série E do Ensino Médio.

O voo solo de Giovanna

Estudante de medicina, ex-aluna do Sabin lidera um trabalho voluntário de saúde em uma penitenciária feminina

Quando pensa na trajetória que a levou ao curso de medicina e a se dedicar às ações de voluntariado, Giovanna Bertolini enxerga dois incentivos decisivos: o da mãe, Daniela, e o da formação que teve no Sabin. Daniela é pediatra e sempre se dedicou a diversas atividades além do consultório, entre elas, as ações sociais, para as quais levava Giovanna a tiracolo ainda bem pequena. “Lembro da minha mãe fazendo atendimento enquanto eu brincava com as crianças de um lugar, que depois soube que eram filhos de refugiados”, diz. O Sabin, onde estudou do 2º ano do Fundamental até completar o Médio, ensinou Giovanna a ser independente, a acreditar no próprio potencial. “A saber que posso voar sozinha.” É o que ela está fazendo.

Estudante do 4º ano da Universidade Santo Amaro (UNISA), Giovanna lidera um grupo de colegas que está prestando assistência médica à população carcerária da penitenciária feminina de São Miguel Paulista, em São Paulo. A ação, por sua iniciativa, vem sendo estruturada para se tornar um projeto de extensão do curso de medicina da faculdade onde estuda. “Com o apoio acadêmico, contaremos com o auxílio oficial dos professores. Teremos ajuda material, poderemos engajar mais alunos e levaremos mais auxílio às detentas”, explica.

A iniciativa surgiu como o desdobramento da ação voluntária do grupo Boas Energias Mudam o Mundo (BEMM), comandado por Daniela, que contava com a participação de Giovanna e de várias colegas dela do curso de medicina. O BEMM, numa parceria com a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), presta atendimento médico voluntário na Penitenciária Feminina da Capital. Com o sucesso da iniciativa, a SAP sugeriu que a ação fosse estendida à unidade de São Miguel Paulista. “O BEMM respondeu que não tinha condição de atender ao pedido. Então, resolvi assumir o desafio”, lembra Giovanna.

A ação leva médicos de diversas especialidades e estudantes de medicina para fazer atendimento das cerca de 150 mulheres custodiadas na unidade de São Miguel Paulista. Elas passam por consultas, testagem rápida para doenças como sífilis, aids, participam de rodas de conversa sobre prevenção e saúde mental, entre outros temas. “Infelizmente, é uma população negligenciada, que não tem acesso aos cuidados básicos

de saúde. Muitas ali nunca fizeram um exame ginecológico”, exemplifica Giovanna. Ela lembra uma testagem rápida para sífilis em 40 detentas, que acusou 13 resultados positivos para a doença. “Um índice bastante alto”, afirma. Outra característica que chamou a atenção dela entre as custodiadas é a solidão. “É o que mais pega entre elas.”

Giovanna e as colegas têm aprendido muita coisa no contato com essa dura realidade. Trata-se de um “vestibular” das condições que vão encontrar quando forem trabalhar nas unidades do sistema público de saúde, a primeira experiência profissional de muitos profissionais de medicina. “Sinto um misto de gratidão por ter essa oportunidade única de aprender e de poder ajudar essas mulheres e, ao mesmo tempo, um sentimento grande de impotência porque a gente não vai conseguir atender a todas elas.” A atuação na penitenciária de São Miguel Paulista lhe trouxe também outra certeza. “O trabalho com a saúde das mulheres deu o caminho da minha especialização: ginecologia e obstetrícia. É o que vou seguir.”

Em sentido horário:
Giovanna realiza
exame de imagem;
com diretoria da
Penitenciária de São
Miguel Paulista;
em curso de formação;
e apresentando o
projeto de assistência à
população carcerária.





**ISADORA HWA SOON
MOREIRA DA SILVA**

UFABC
INTERDISC. EM CIÊNCIA E
TECNOLOGIA



**ISADORA TEIXEIRA
N. DE GOUVEIA**

ESPM
COMUNICAÇÃO EM PUBLICIDADE

132
aprovados

49%
em
universidades
públicas

Cada conquista é um reflexo do
**nosso compromisso mútuo
pela excelência acadêmica!**

Parabéns à turma de 2023 por
suas conquistas nos vestibulares!

ESPECIAL
Vestibular
2024

132
aprovados

13

aprovações
internacionais,
entre elas, na
Cornell University,
em Nova York
(EUA)

21

alunos em
1º, 2º e 3º lugares
nos cursos
escolhidos

59

aprovações
em
Engenharia

- 6 na USP
- 6 na Unicamp
- 9 na UNESP
- 11 em universidades federais
- 27 em universidades particulares
(PUC, Mackenzie, Mauá, FEI, Insper,
FIAP, IBMEC, Puccamp)

85%

de aprovações
em
universidades
públicas

23% na USP

11% na Unicamp

15% na Unesp

32% em
universidades federais

“O Sabin permite o cultivo do aprendizado, o conhecimento como fim em vez de mero instrumento. Oportunidades como as olimpíadas acadêmicas e os módulos de aprofundamento desenvolvem um sentido de aperfeiçoamento, autossuperação e busca por excelência acadêmica. A reafirmação constante dos valores éticos e a apreciação da interdisciplinaridade contribuem para uma formação ampla, crítica e humanista. E, não menos importante, cito o agradável ambiente de convívio, fruto, sobretudo, dos professores, sempre dispostos a dialogar, discutir, orientar e, até mesmo, divertir.”



AUGUSTO CARNEIRO

“Entrei no Sabin em 2011. Foram 13 anos de minha vida. Manhãs e tardes no mesmo pátio, nos mesmos prédios, no mesmo lugar. Foram anos em que estudei, pratiquei esportes, me diverti, aprendi, enriqueci minha cultura. Fiz do Sabin minha segunda casa e não poderia ter sido diferente. Um bom lar gera segurança. Com ótimos professores e com um ensino de excelência, o Sabin me deu a segurança de que tinha todas as ferramentas para escolher minha futura faculdade. Um bom lar também acolhe. São incontáveis os laços, as amizades que o colégio me proporcionou. Amizades que em meio a tantos trabalhos, matérias e responsabilidades, eram um verdadeiro oásis. É do casamento entre um excelente corpo docente e uma acolhedora comunidade de alunos que nasce o diferencial do Sabin. É um colégio para todos, que oferece oportunidades para quaisquer gostos e perfis. O Sabin foi para mim e para toda turma a casa que nos acolheu e nos guiou, que nos fez cidadãos.”



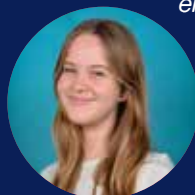
DANIEL PRETTO

“O Colégio Albert Sabin será para sempre um marco fundamental na minha história. A instituição representou não apenas a constituição de uma base de competências e conhecimentos práticos, que me ofereceram a oportunidade de vivenciar aqueles sonhos que julgava tão distantes, mas transcendeu o âmbito acadêmico. O Sabin foi o alicerce da minha formação como ser humano, proporcionando o desenvolvimento da autonomia moral e do pensamento crítico. Além disso, as amizades que cultivei – e espero mantê-las para toda a vida – com alunos, professores, inspetores e coordenadores, fizeram com que eu me sentisse acolhido, servindo de porto seguro em tempos de mudança ou incerteza, além de se tornarem inspiração em períodos de desânimo.”



VINICIUS BORGES

“O Sabin é o tipo de colégio que incentiva os alunos a sempre buscarem mais. Participei de inúmeros programas do Esporte&Cultura, olimpíadas acadêmicas, voluntariado, atividades que fizeram me desenvolver tanto academicamente quanto socialmente e descobrir minhas paixões. Além de ser aceita em universidades federais e privadas no Brasil por meio do Enem e dos vestibulares, também participei de processos seletivos em 18 universidades fora do país. Fui aceita em 10, em muitas delas com bolsa de estudo.



Finalizar o Ensino Médio com tantas oportunidades de escolha só foi possível graças ao Sabin.”

CLARA COUTO NICOLAU

“Estudei no Sabin por 12 anos, o que transformou a escola em meu segundo lar e as pessoas que cruzarem meu caminho na minha família. Fui acolhida e tive as melhores experiências. O apoio e esforço dos professores e da coordenação foram o diferencial no meu processo para ser aprovada no vestibular. Eles sempre se mostraram dispostos a ajudar os alunos da melhor maneira. O Sabin me tornou uma pessoa melhor e me proporcionou as oportunidades para atingir o meu sonho de ser aprovada na USP.”



CAROLINA RANDO